

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA

José Roberto da Silva<sup>29</sup>

### RESUMO

Este artigo pretende analisar as ações pedagógicas de Paulo Freire através de fontes históricas e obras do autor, diante da emergência da Guerra Fria que já ganhava visibilidade através da chegada do presidente Kennedy. O medo de uma revolução do modelo cubano era algo que inquietava os norte-americanos, especialmente em um país de proporções continentais como o Brasil. Assim, o programa da “Aliança para o progresso” era definido como uma das principais estratégias dos Estados Unidos da América. Nessa perspectiva, o Brasil encontrava-se na rota dos interesses dos estadunidenses gerando desconfiança, entre esses críticos estaria o presidente do Brasil, João Goulart, diante do investimento financeiro que era depositado em diversos setores como educação, saúde e reforma agrária. Entre esses críticos da “Aliança para o progresso” o educador Paulo Freire tentava, a todo custo, alfabetizar de forma eficaz as classes populares de algumas regiões do Nordeste. O projeto de alfabetização de adultos proposto por Paulo, entre outros educadores, representou uma grande vitória para os populares que permaneceram tentando aprender a ler e escrever. De acordo com Paulo Freire não era necessário apenas ensinar o aprendiz a ler e escrever, mas formar cidadãos políticos conscientes do poder que eles tinham para promover uma mudança radical na sociedade da qual ele participava. O nome do projeto era 40 Horas de Angicos que apresentou de forma eficaz uma metodologia inovadora para época, no início dos anos de 1960, e foi orientada pelo recifense Paulo Freire que recebeu em seu espaço escolar uma diversidade de repórteres e políticos que tinham interesse em divulgar o modelo pedagógico do educador recifense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guerra Fria. Paulo Freire. Alfabetização.

### 1 INTRODUÇÃO

“Meu amor  
Me ensina a escrever  
A folha em branco me assusta  
Eu quero inventar dicionários  
Palavras que possam tecer  
A rede em que você descansa  
E os sonhos que você tiver” (Oswaldo Montenegro, “Me ensina a escrever”)<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mestre em Ciência Teológica pela Universidade Evangélica do Paraguai – UEP, Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, professor de História da Igreja na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN, Professor na Rede Municipal e Estadual de Ensino. Mossoró-RN – josefranciscano@hotmail.com.

<sup>30</sup> Trecho da música de Oswaldo Montenegro “Me ensina a escrever” do DVD “3X4” 2014.

Fizemos a opção de utilizar um trecho da letra de Oswaldo Montenegro apresentando uma íntima relação entre a escrita e o sentimento do poeta. No desenrolar de nossa pesquisa apresentamos a arte de tecer através da mitologia grega representada pelo entrelaçamento do tempo, história e esperança onde “é sabido que a ardilosa Penélope dedicava-se a tecer apenas durante o dia, e, quando chegada à noite, sob a luz de tochas, tratava-se de desfazer da trama; desta forma, junto a cada aurora nascia um recomeço”<sup>31</sup>.

Nessa perspectiva, apresentamos a metodologia de Paulo Freire representada pela arte de tecer uma alfabetização pronta, e ao mesmo tempo inacabada, para atender as classes<sup>32</sup> populares. De acordo com Teresinha Luisa Rodrigues e Erinaldo Reinaldo Rodrigues “educar é uma arte. Essa arte deve ser desenvolvida como muito amor para que haja uma desenvoltura de belos resultados e a afetividade se torne importante”<sup>33</sup>.

Amparado no contexto da Guerra Fria e nas problemáticas próprias deste contexto, a proposta freiriana de educação surge como uma maneira de capacitar as pessoas, conforme suas realidades, para pensar, falar e ser sujeitos de sua história. Nossa pesquisa será desenvolvida a partir de textos jornalísticos, obras do próprio Paulo Freire e de comentadores acerca do seu método pedagógico.

## 2 TECENDO O PANORAMA HISTÓRICO: FREIRE, ALIANÇA PARA O PROGRESSO E GUERRA FRIA

Durante a Guerra Fria<sup>34</sup> o mundo vivia um processo, em que já despontava no Brasil, o temor estadunidense da possibilidade de aflorar uma *revolução* no modelo proposto por Fidel Castro e que isso deveria ser sabotado a todo custo. As ações dos estadunidenses eram definidas

<sup>31</sup> EFRAIM, Raquel. Penelope: tecelã de enganos. *Kínisis*, vol.IV, N° 08, dezembro 2012, p. 135-146

<sup>32</sup> Para o historiador britânico as classes ocorrem efetivamente através das relações humanas. THOMPSON, E.P. A formação da classe operaria. – A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.p.9

<sup>33</sup> Rodrigues, Teresinha Luisa, Rodrigues, Erinaldo Reinaldo; *Docência e discência: a arte de ensinar e aprender*

<sup>34</sup> Para Eric Hobsbawm, historiador inglês, a Guerra Fria estaria inserida no espaço de tempo intitulado por ele mesmo como “breve século XX”, período entre 1914 (início da Primeira Guerra Mundial) e 1991 (dissolução da URSS). HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 247

pela política da “Aliança para o progresso” um pacto que buscava uma integração do continente americano já idealizado pelo presidente Kennedy<sup>35</sup>.

Os EUA temiam que a América Latina se torna-se uma extensão da experiência socialista de Cuba, o que fez então o presidente estadunidense John Kennedy lançar o programa “Aliança para o progresso”, cujo objetivo era financiar governos aliados no centro e sul do continente com promessas de apoiar políticas de educação, saúde, reformas agrárias, como ação para minimizar os efeitos da pobreza.<sup>36</sup>

O autor acima enfatiza que, no Brasil, “uma vez que o direito a voto estava condicionado à alfabetização, o governo intensificou diversas atividades em forma de programas e campanhas, criando processos de alfabetização para jovens e adultos”<sup>37</sup>.

As informações de Rebouças e Machado apresentam um quadro político em que os interesses apresentados de forma *humanitária* estavam orientados pelos discursos dos modelos socioeconômicos do socialismo e capitalismo. O paternalismo proposto pelos EUA (Estados Unidos da América) em relação ao Nordeste tinha uma função de minimizar o medo da expansão comunista<sup>38</sup>. Segundo Antônio Luigi Negro, o paternalismo proposto por E.P. Thompson

[...] se trata de um conceito impreciso, que recai sobre fenômenos díspares, no tempo e no espaço. Imprestável para comparações, paralelos ou contrastes, apenas rotula. Seu uso, por causa disso, registra desastrada amplitude. Depois, sua própria perspectiva - estabelecida a partir de cima - não comporta uma relação, mas implica o oposto: uma via de mão única, sugerindo manipulação.<sup>39</sup>

<sup>35</sup> NUNES, José Francisco Beserra & SANTOS Fernando Emilio Alves dos Aliança para o progresso: do salão leste para o nordeste e seus reflexos na educação In Revista Piauiense de História Social e do Trabalho. Ano II, n. 03. Julho-Dezembro de 2016. Parnaíba-PI

<sup>36</sup> REBOUÇAS, José de Paiva. Centenário de Paulo Freire. Revista Contexto. DeFato.com.Mossoró/setembro de 2021, N°7, p.27

<sup>37</sup> MACHADO, Bernadete G. Educação popular e os processos socioeducativo de educação não formal. PUC – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. De 23 a 26/09/2013 XI Congresso Nacional de Educação.2013

<sup>38</sup> BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário e as guerras da imprensa - Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973). 2001, p.76

<sup>39</sup> Paternalismo, populismo, história social.p.16 Cad. AEL, v.11, n.20/21, 2004 in: II Jornada Nacional de História do Trabalho, realizada no X Encontro Estadual de História da ANPUH/SC, de 30 de agosto a 2 de setembro de 2004, Florianópolis.

É justamente nesse panorama de polarização que Freire define sua postura diante das ações financeiras dos estadunidenses. Lançaremos mãos dos *novos* recursos metodológicos – os acervos cinematográficos – para ampliar o leque de possibilidades e tentar captar o ponto de vista de Freire sobre a “aliança para o progresso”.

Após esta breve observação sobre o uso dos acervos cinematográficos, iremos analisar uma entrevista ao jornalista Carlos Lyra para TV Universitária do RN tecendo um diálogo sobre o uso do dinheiro dos norte-americanos investido no Rio Grande do Norte direcionado para educação:

A minha tese era a seguinte: eu não aceito coisa alguma da “Aliança do progresso”, mas não tenho nada contra usar o dinheiro que ela pensa que é dela, mas que não é, por que no fundo o dinheiro da Aliança para o progresso era o dinheiro que voltava para o Brasil, ainda mais em termos de favor, mas o dinheiro é nosso, o dinheiro dessa área subdesenvolvida, que não é subdesenvolvida só por que é explorada, dominada.<sup>40</sup>

De acordo com Lucas Guerra enquanto a lógica bipolar da Guerra Fria se estruturava sobremaneira entre um ‘Primeiro Mundo’ composto por países industrializados capitalistas liderados pelos EUA e um ‘Segundo Mundo’ de países industrializados socialistas liderados pela URSS, o assim chamado ‘Terceiro Mundo’ aglutinava um conjunto de países com características diferentes [...] Tratavam-se de países localizados principalmente na África e na Ásia, e em menor medida na América Latina, com economias desindustrializadas e a maioria deles ainda em processo de *independentização*.<sup>41</sup>

### 3 CONSTRUINDO UM MÉTODO PARA O POVO E UM POVO PARA O MÉTODO

O objetivo desse tópico é analisar a motivação de Freire, entre outros educadores, na tentativa de inserir os populares a ler e interpretar o mundo. De acordo com Furim, Castorino e Seluchinesk:

<sup>40</sup> <https://youtu.be/d9F1HQj3nDY> - MEMÓRIA VIVA | Paulo Freire (1983)

<sup>41</sup> GUERRA, Lucas. A emergência do terceiro mundo e a questão da desigualdade nas relações internacionais: respostas teóricas a partir do Norte e do Sul global.p.49 In Revista Conjuntura Global v. 8, N. 1 (2019) –UFPR (Universidade Federal do Paraná) (ISSN 2317-6563)

a visão ingênua que homens e mulheres têm dos fatos faz deles escravos, na medida em que não sabendo que podem transformá-la, sujeitam-se a ela. Essa descrença na possibilidade de intervir na realidade em que vivem é alimentada pelas cartilhas e manuais escolares que colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos dessa realidade.<sup>42</sup>

Nesse contexto social, a emergência de tecer um método para auxiliar as classes populares passou a ser uma inquietação para Freire, entre outros educadores, e era necessário sair da teoria para a prática. Mas como o discurso científico chegaria até o povo? De acordo com Rebouças “[...] Paulo então passou a desenvolver o que havia descoberto através de seu filho e Maria priorizando temas de interesses dos alfabetizados.<sup>43</sup>

Quem eram essas pessoas – os alfabetizados – que Freire apontava? De acordo com Rebouças

os métodos de Paulo Freire não ensinam a repetição de palavras, mas o de desenvolver a capacidade de pensá-las com base nas palavras retiradas do cotidiano dos alunos formando assim as palavras geradoras que através de uma palavra conseguimos formar muitas outras diferentes e que se torna muito mais fácil para o entendimento dos alunos. Com as palavras o homem se faz homem, ao dizer sua palavra estará assumindo a condição humana.<sup>44</sup>

Nessa perspectiva, Freire desvelava o ato de educar interligado à ação política e essa conexão produzia na mentalidade dos populares um espaço na sociedade. As 40 horas<sup>45</sup> utilizadas por Freire, e outros professores, apresentava o cotidiano do povo comum utilizando as letras, palavras e imagens do mundo deles.

O cotidiano do aprendiz era o pano de fundo para que as letras fizessem sentido e assim apresentar um mundo cada vez mais complexo. Regiane Paiva explica o papel da alfabetização

<sup>42</sup> Mara Mone Ferreira Soares Furim Adriano Castorino Rosane Duarte Rosa Seluchines. “Leitura do mundo e leitura da palavra”. p.249 In Revista Humanidades e Inovação v.6, n.10 – 2019

<sup>43</sup> REBOUÇAS, José de Paiva. Centenário de Paulo Freire. Revista Contexto. DeFato.com.Mossoró/setembro de 2021.Nº7. p. 25.

<sup>44</sup> DREYER, Loiva. Alfabetização: o olhar de Paulo Freire. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. – EDUCERE, Curitiba, 2011. P. 3585 – 3601. p. 3589

<sup>45</sup>De acordo com Maria Elizete Guimarães Carvalho e Maria das Graças da Cruz Barbosa as 40 Horas de Angicos alfabetizou cerca de 300 adultos em 40 horas, utilizando-se de práticas educacionais orientadas por Paulo Freire. MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOSEM 40 HORAS (ANGICOS/RN, 1963) In Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.43, p. 66-77, set2011 - ISSN: 1676-2584.

ampliada de Freire<sup>46</sup> e observa as “últimas” etapas apontando a importância da formação das frases pela escrita dos alunos.

A alfabetização na perspectiva freiriana entende que as unidades se combinam para forma sílabas, que, por sua vez, formam palavras e a combinação delas geram frases. [...] as frases que os aprendizes começaram a construir reproduziam as reflexões que mantinham durante os debates promovidos em cada aula.

As duas informações acima apresentam as estratégias adotadas por Freire para conscientizar através de debates e materializar através da escrita o pensamento dos populares. A cada frase formada pelos educandos era indícios de uma vitória coletiva para Freire, os educadores e os populares. O próprio Freire apresenta essa satisfação no livro *Pedagogia da Autonomia*.

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que não tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar.<sup>47</sup>

E essa alegria compartilhada por Freire também chegou aos educandos a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o *mundo* através dos olhos das pessoas comuns<sup>48</sup>. José de Paiva Rebouças apresenta o testemunho de um aprendiz sobre o conhecimento transmitido pelos professores e Paulo Freire. Este breve relato foi registrado pela escrita de dois jornalistas do *The New York Times*, Calazans Fernandes e Juan de Onis, que chegaram em Angicos<sup>49</sup> em 1963:

<sup>46</sup> GADOTTI, Moacir. MOVA, por um Brasil Alfabetizado / Moacir Gadotti. – São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008 – (Série Educação de Adultos; 1). p. 14

<sup>47</sup> Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). p.43

<sup>48</sup> De acordo com Freire “[...] você não ensina propriamente a ler, a não ser que o outro leia, mas o que você pode é testemunhar ao aluno como você lê e o seu testemunho é eminentemente pedagógico.” In Da leitura do mundo à leitura da palavra. Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, p.08 nov.1982.

<sup>49</sup> Para José Willington Germano “Angicos tornou-se uma palavra emblemática para todos aqueles que se interessam pela educação popular. A cidadezinha localizada no sertão do Rio Grande do Norte foi o palco em que, pela primeira vez, Paulo Freire, em princípios de 1963, pôs em prática o seu famoso método de alfabetização de adultos. Dessa maneira, o trabalho, que até então era desenvolvido de forma incipiente no Recife, ganhou grande visibilidade em níveis nacional e internacional In As quarentas horas de Angico. p.389- 393 Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 59, agosto/97.

Calazans Fernandes e o repórter Juan de Onis [...] desembarcaram no rústico aeroporto nas proximidades de angicos, debaixo de um sol escaldante e mormaço de causar vertigem ao encontro dos dois chega um local com chapéu de couro, alpercatas, bernal e espingarda numa figura de um típico caçador. Ao que Calazans perguntou sobre as novidades. “Tem, doutor. E é coisa boa”, teria respondido o homem, segundo contou Carlos Lyra. Com a voz segura informou que estava aprendendo a ler. “Educação, doutor. Entra na gente e não sai mais” [...].<sup>50</sup>

De acordo com Nilson Antônio Guzzo Junior:

O conhecimento que o aluno traz para a sala de aula sempre vem carregado de valores. A partir desta mistura entre tácito e explícito, é que os indivíduos, junto com outros, podem transformar ou reforçar seu ponto de vista e desenvolver uma visão crítica da vida. O educador tem que estar consciente de seu papel de transformador de mentes. Ele não pode perder este momento raro de ouvir, ver, ler os valores que ali são representados e trocados entre os alunos.<sup>51</sup>

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do contexto histórico da Guerra Fria à prática pedagógica de Paulo Freire, entre outros educadores, procuramos tecer as ações dos homens na tentativa de divulgar seus interesses diante da contradição da vida cotidiana. Homens iguais ao Freire e ao presidente Kennedy, apesar de divergirem de seus interesses, estão registrados através da história porque a escrita ficou cada vez mais sofisticada dando visibilidade de suas práticas políticas. Durante a realização do trabalho de pesquisa visualizamos, através da escrita de José de Paiva Rebouças, uma breve biografia do educador e sua trajetória para alfabetizar diversos grupos de Angicos, entre outras cidades, promovendo mudanças pedagógica para o contexto das últimas décadas do século XX.

<sup>50</sup> REBOUÇAS, José de Paiva. Centenário de Paulo Freire. Revista Contexto. DeFato.com.Mossoró/setembro de 2021.Nº7. p.38

<sup>51</sup> A sala de aula de Paulo Freire: um estudo sobre o ciclo de conhecimento In Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online). Rio de Janeiro: v. 3 | n. 2 [2018]. p.4

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As quarentas horas de Angico. p. 389- 393. **Educação & Sociedade**, ano XVIII, nº 59, agosto/97.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário e as guerras da imprensa - Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973), 2001.

EFRAIM, Raquel. **Penelope: tecelã de enganos**. Kínisis, vol.IV, Nº 08, dezembro 2012, p. 135-146.

GADOTTI, Moacir. **MOVA, por um Brasil Alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GUERRA, Lucas. A emergência do terceiro mundo e a questão da desigualdade nas relações internacionais: respostas teóricas a partir do Norte e do Sul global. p.49 In **Revista Conjuntura Global** v. 8, n. 1, 2019. UFPR (Universidade Federal do Paraná) (ISSN 2317-6563).

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 247.

II Jornada Nacional de História do Trabalho, realizada no X Encontro Estadual de História da ANPUH/SC, de 30 de agosto a 2 de setembro de 2004, Florianópolis.

MACHADO, Bernadete G. **Educação popular e os processos socioeducativo de educação não formal**. PUC – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. De 23 a 26/09/2013 XI Congresso Nacional de Educação, 2013.

Música de Oswaldo Montenegro “Me ensina a escrever” do DVD “3X4” 2014.

REBOUÇAS, José de Paiva. Centenário de Paulo Freire. **Revista Contexto**. De Fato com Mossoró. Set., 2021. n. 7.

Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online). Rio de Janeiro: v. 3, n. 2, 2018. **Revista Piauiense de História Social e do Trabalho**. Ano II, n. 03. Jul/Dez, 2016. Parnaíba-PI.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operaria**. – A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.

X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. – EDUCERE, Curitiba, 2011. p. 3585 – 3601. p. 3589.